

Jornais americanos criticam proposta e recuo de Bresser

JORNAL DO BRASIL 11 SET 1964

WASHINGTON — Os jornais americanos publicaram ontem ácidos editoriais contra o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, criticando a proposta apresentada de redução do valor da dívida e ironizando a maneira rápida como ele recuou da proposta em função da conversa com o secretário do Tesouro, James Baker. Até mesmo um jornal liberal como o *Washington Post* posicionou-se contra o ministro brasileiro:

“O secretário Baker deu um bom conselho ao ministro Bresser Pereira”.

No mais violento dos editoriais contra o ministro brasileiro, o *Wall Street Journal* disse que “os placares da dívida vão marcar isso como uma derrota para os brasileiros”, acrescentando que “parece ser hora de lembrar que as soluções milagrosas para a dívida simplesmente não são milagrosas”. Segundo o jornal ligado à comunidade financeira, há até “um grão de lógica” na idéia brasileira de forçar os credores a aceitar um desconto de 40% na dívida, mas “o problema é que a proposta do Brasil significava um calote na dívida aos bancos privados e esse calote seria muito mais sério do que os benefícios a serem auferidos pelo Brasil”.

“Um Brasil inadimplente poderia esquecer a respeito de qualquer financiamento do Banco Mundial ou do FMI, afirmou.

Irônico, o editorial do *Wall Street Journal* disse que “o ministro da fazenda do Brasil veio para Washington nesta semana com uma nova proposta para a dívida, mas saiu tendo mudado de posição mais rápido do que Walter Payton”. Informou que o secretário do Tesouro, diante da proposta de Bresser, disse “assim não dá para começar a conversar” e, em seguida, “o senhor Bresser mais ou menos concordou com mister Baker”.

Na avaliação do *Washington Post* Brasil não é “um dos casos de azar no mundo. É uma potência industrial em rápido crescimento, sua economia tem crescido de forma espetacularmente rápida nos últimos anos. Está conseguindo enormes superávits comerciais”. O deságio, na opinião do jornal, não é resultado da incapacidade da economia, mas porque o Brasil “simplesmente recusa-se a pagar a dívida”.

Depois de emitir um comunicado duro a respeito da conversa de Baker com Bresser Pereira, na terça-feira, o Departamento do Tesouro não recolheu suas baterias. Um assessor

de Baker disse que o governo brasileiro precisava cortar decididamente seus déficits e combater a inflação. E numa entrevista ao jornal *Los Angeles Times*, o secretário do Tesouro advertiu que o Brasil precisa chegar a uma solução rápida nas negociações com seus credores para evitar um rebaixamento da sua dívida. “Se isso acontecer, será difícil desmanchar suas conseqüências. O que quero dizer com isso é que depois de misturar a clara com a gema de um ovo, é difícil separá-las”, disse ele.

As ameaças à estratégia da dívida surgiram de muitas frentes nas últimas semanas e forçaram o Tesouro americano a deslançar uma operação rapidamente para tentar evitar, segundo fontes diplomáticas, uma ofensiva conjunta dos devedores. A primeira delas veio das Filipinas onde a presidente Corazón Aquino, diante de forte descontentamento popular com medidas de contenção econômica, começou a atacar os bancos estrangeiros, ameaçando uma suspensão de pagamentos. Na semana passada o presidente brasileiro anunciou plano de conversão da metade da dívida dos bancos estrangeiros em títulos. E neste fim de semana a vitória dos peronistas em eleições na Argentina empurrou o governo Alfonsín a uma atitude mais desafiadora diante de seus credores externos.

Na análise do Tesouro, as dificuldades internas enfrentadas por essas nações devedoras pode levá-las a iniciar um processo de confrontação capaz de alastrar-se e dominar a reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial, neste fim de mês, em Washington. Essa é a maior reunião anual de ministros da Fazenda e banqueiros de todo mundo e milhares de jornalistas trabalham tradicionalmente em sua cobertura.

Foi por causa disso que, abandonando a postura discreta que usara até agora em seus contatos com o ministro da Fazenda Bresser Pereira, Baker deixou claro que inovações revolucionárias como a proposta para a dívida brasileira impediriam qualquer diálogo sério. Bresser fora convidado para uma conversa pelo próprio Baker.

Um de seus assessores afirma: “Não podemos aceitar nenhuma medida unilateral.” Um assessor do senador Bradley confessa espanto com “a forma pouco hábil com que o plano brasileiro foi anunciada — nem seus autores pareciam dispostos a explicá-lo melhor”.